

BOAS PRÁTICAS



O inferno são os outros

Pesquisadores tendem a superestimar sua honestidade acadêmica, sugere estudo com mais de 11 mil cientistas e doutorandos suecos

Um estudo publicado por economistas da Universidade de Linköping, na Suécia, chamou a atenção para um viés na percepção de pesquisadores sobre má conduta acadêmica que pode levá-los a cometer práticas questionáveis sem que eles se deem conta ou reconheçam a gravidade desses comportamentos. Mais de 11 mil cientistas e estudantes de doutorado suecos responderam a um questionário composto por duas perguntas:

- 1) em comparação com os colegas da mesma área, o quão bem você acha que segue as boas práticas de pesquisa?
- 2) como é a adesão de seu campo do conhecimento a boas práticas de pesquisa em comparação com as outras áreas disciplinares?

Cinquenta e cinco por cento afirmaram que eram tão bons quanto a maioria dos colegas em seguir as boas práticas, enquanto 44% disseram que seu desempenho era melhor que o dos demais. Só 1% se julgou pior. “Quase todos se consideraram tão bons ou melhores do que a média, o que é uma impossibilidade estatística”, afirmou,

segundo o serviço de notícias *EurekAlert!*, Gustav Tinghög, autor principal do estudo. “Se todos pudessem olhar para si de modo objetivo, seria esperada uma distribuição mais equilibrada”, diz o pesquisador, que trabalha no Departamento de Administração e Engenharia da Universidade de Linköping e é um especialista em economia comportamental. O artigo foi publicado em fevereiro na revista *Scientific Reports*. Na comparação com outros campos disciplinares, 63% disseram que sua área era tão boa em seguir boas práticas de pesquisa quanto as demais, 29% que era melhor e 8% declararam que era pior.

De acordo com os autores, essa visão enviesada tem implicações potencialmente nocivas. Uma delas seria o surgimento de uma certa insensibilidade para perceber ou combater deslizes éticos cotidianos, criando o que os autores definiram como “pontos cegos morais”. “Pequenos erros podem se acumular e talvez se tornar erros piores”, disse Amanda Lindkvist, aluna de doutorado de Tinghög e coautora do estudo. Ela se referiu a práticas questionáveis disseminadas que, às vezes, nem chegam a ser classificadas como má conduta, a exemplo de distorções na lista de autores de um *paper* ou o expediente de dividir os resultados de uma pesquisa em mais de um artigo para ampliar o volume de produção científica.

“Quando acreditamos que somos mais éticos do que os outros, é menos provável que prestemos atenção a diretrizes para coibir práticas questionáveis, pois tais informações parecerão dirigidas a outras pessoas e não a nós”, afirmam os autores no artigo. Uma segunda consequência negativa da percepção distorcida sobre a própria honestidade acadêmica seria a falta de confiança em colegas de outras áreas do conhecimento em um ambiente de pesquisa que se torna cada vez mais multidisciplinar.

O objetivo do estudo foi avaliar no ambiente acadêmico um comportamento que já foi estudado fora dele: por que indivíduos nem sempre agem de maneira ética, mesmo tendo a intenção ou o desejo de agir eticamente? O conceito de “eticidade limitada” é utilizado para compreender fenômenos psicológicos que levam as pessoas, em situações cotidianas, a ignorar por exemplo o sofrimento dos necessitados ou a reivindicar créditos não merecidos em um trabalho em grupo. De acordo com o artigo, em determinadas situações as pessoas tendem a se enxergar como superiores às outras em características associadas a comportamentos éticos, a fazer previsões exageradamente positivas sobre a probabilidade de agirem eticamente e “a acreditar que, enquanto comportamentos morais refletem algo sobre elas próprias, comportamentos imorais se devem apenas às circunstâncias”.

Os resultados do levantamento não surpreenderam os autores. Suas hipóteses já contemplavam a possibilidade de os respondentes se avaliarem de forma demasiadamente favorável. Em estudos prévios que analisaram má conduta e práticas questionáveis de pesquisa, por exemplo, a frequência de deslizes que cientistas relatam usualmente é menor do que a de falhas que eles efetivamente cometem. Já o fato de considerar sua área disciplinar como mais ética do que as outras, segundo a equipe de Tinghög, possivelmente é uma forma de proteger e de reforçar a própria identidade acadêmica.

O questionário foi enviado em setembro de 2022 a mais de 33 mil cientistas ou estudantes de doutorado suecos vinculados a universidades e instituições científicas financiadas pelo governo do país. Um terço respondeu. Tinghög reconhece que, entre os que decidiram não participar, pode ter havido uma concentração maior de pesquisadores com percepção negativa sobre seu comportamento ético. Mas ele ressalta que os resultados se repetiram de forma consistente em todas as áreas do conhecimento, ainda que com uma frequência um pouco superior nas ciências médicas e da saúde. Antes de responder às duas perguntas, os pesquisadores foram apresentados a algumas regras que caracterizam boas práticas científicas, como reportar de forma transparente e rigorosa métodos, resultados e eventuais conflitos de interesse, não se apropriar de dados de terceiros sem autorização, manter seus registros de forma organizada ou esforçar-se para realizar pesquisas sem causar danos a pessoas, animais e ao ambiente, entre outros.

Os autores destacam a importância de estudar vieses de comportamento que criam obstáculos para combater a má conduta. Também sustentam que a prevalência de certos deslizes éticos é motivada por uma cultura que valoriza a produtividade acadêmica de modo excessivo. “Em um mundo em que práticas de pesquisa questionáveis são recompensadas, pesquisadores que cumprem rigorosamente as regras ficam em desvantagem. Diariamente, eles enfrentam o dilema de saber se devem fazer o que é melhor para si e para a sua carreira ou o que é melhor para o progresso científico”, afirmam no artigo. De acordo com Tinghög e equipe, a ética da pesquisa não deve se concentrar em apontar o dedo para os outros, mas em olhar-se no espelho. “Somos todos pesquisadores éticos que, às vezes, violamos nossos próprios padrões éticos. Para restaurar a credibilidade da ciência, precisamos criar estruturas de incentivo, instituições e comunidades que nos encorajem a sermos mais éticos em um sistema acadêmico que, de outra forma, nos incentiva a agirmos mal.” ■

Fabício Marques

Recompensa em dinheiro para quem encontrar erros em artigos influentes

Nos próximos quatro anos, um programa sediado na Universidade de Berna, na Suíça, vai pagar especialistas para procurarem erros em uma centena de artigos científicos influentes. Quanto mais problemas forem encontrados, maior será a remuneração. O revisor receberá de US\$ 285 (cerca de R\$ 1,4 mil), se não encontrar nada, a até mais de US\$ 1 mil (quase R\$ 5 mil), se achar erros importantes. Caso a análise leve à recomendação de que o *paper* tem equívocos graves e deve retratado, levará US\$ 2.835 extras (R\$ 14 mil).

O programa foi batizado de Error (Estimando a confiabilidade e a robustez da pesquisa, no acrônimo em inglês). De acordo com o coordenador do programa, o psicólogo Malte Elson, um dos objetivos é mostrar a agências de fomento à ciência a importância de investir recursos também na revisão e replicação de estudos financiados por elas. “Quando construo a minha pesquisa sobre algo que está errado, isso representa um custo

porque minhas conclusões se baseiam em suposições falsas”, disse ele à revista *The Chronicle of Higher Education*. Elson, docente da Universidade de Berna e especialista em psicologia da digitalização, tem como parceiro na iniciativa o também psicólogo Ruben Arslan, que faz estágio de pós-doutorado na Universidade de Leipzig, na Alemanha.

O revisor deverá procurar equívocos de todo tipo, como erros de cálculo, discrepâncias entre o que foi observado e relatado, vieses nas conclusões, e compilá-los em um relatório. Um supervisor do Error vai avaliar os resultados e submetê-los aos autores do artigo, a fim de que se defendam e possam apresentar esclarecimentos. Ao final, será gerado um resumo dos principais problemas, com uma recomendação sobre o que fazer com eles, desde correções até a retratação do artigo, em caso de falhas graves.

O programa terá início com a revisão de três artigos, incluindo um *paper* pu-

blicado em 2020 que identificou uma estratégia para desencorajar o compartilhamento on-line de desinformação sobre a Covid-19. O psicólogo Gordon Pennycook, autor principal do estudo e pesquisador da Universidade Cornell, nos Estados Unidos, disse que está animado em ver os resultados do trabalho sendo replicados por outros grupos.

Os artigos serão avaliados apenas se os autores concordarem em submetê-los ao escrutínio. Isso porque os revisores só poderão fazer um trabalho preciso se tiverem acesso integral a dados, códigos e outros materiais relacionados ao *paper*, o que requer colaboração. Para Elson, a análise pode ser útil para os autores dos artigos. “Eles poderão mostrar o relatório de erros, que será público, e dizer: meu trabalho foi verificado e está tudo bem”, afirmou. Mas há quem tema danos à reputação se os resultados forem ruins. Até agora, autores de dois artigos selecionados pelo programa recusaram os convites.

Pesquisador que publica mais de um *paper* por semana é alvo de 20 retratações

Desde 2020, o farmacêutico saudita Nabil Alhakamy publicou 219 artigos científicos – média superior a um *paper* por semana. A qualidade de sua produção acadêmica, no entanto, está em xeque: mais de 20 artigos assinados por ele foram retratados nos últimos tempos, principalmente devido a problemas com imagens e figuras publicadas. O caso mais recente é o de um estudo publicado em 2022 na revista *Biomedicine & Pharmacotherapy*, que foi retratado em março por conter três imagens copiadas de trabalhos publicados anteriormente.

A sequência de retratações teve início no final de 2022, quando comentários anônimos feitos no site PubPeer denunciaram a existência de imagens duplicadas e repetição de conteúdo em artigos do farmacêutico. Nas notas de retratação, Alhakamy e seus coautores reconhecem a duplicação de imagens e alegam que elas foram recicladas por engano. Uma reportagem recente do site For Better Science sobre artigos suspeitos de conter dados fabricados mencionou a produção do saudita.

Além de autor prolífico, Alhakamy é um gestor acadêmico: ele ocupa o cargo de pró-reitor de Pesquisa e Ensino Superior da Faculdade de Farmácia da Universidade Rei AbdulAziz. Ele fundou e comandou startups da área farmacêutica e biotecnológica em seu país, é sócio de uma empresa de capital de risco em Miami voltada para inovação em ciências da vida e preside o conselho de administração da Sociedade Científica Saudita para Indústrias Farmacêuticas.

CONTEÚDO EXTRA

Conhece a nossa newsletter de integridade científica?



Entre no QR Code para assinar nossas newsletters

